

## **A construção dos sentidos a partir da *mise-en-scène* e montagem: uma análise do filme “Parasita” (2019)<sup>1</sup>**

Ana Letícia Linhares Costa<sup>2</sup>

David de Jesus Bella<sup>3</sup>

Elielda Ferreira da Silva<sup>4</sup>

Êmilly Mendes Santos<sup>5</sup>

Hugo Martins de Santana<sup>6</sup>

Betânia Maria Vilas Boas Barreto<sup>7</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

### **RESUMO**

O presente artigo pretende examinar as construções de sentido e a estética de montagem no filme “Parasita” (2019) de Bong Joon-ho, destacando como a *mise-en-scène* e a montagem contribuem para a crítica social da obra. O problema investigado é de que forma esses elementos produzem sentido para o espectador. A metodologia utilizada foi uma análise de conteúdo de uma sequência do filme, fundamentada em autores como Bordwell (2013), Murch (2004), Nogueira (2010), Zettl (2011) e Eisenstein (1949). Os resultados indicam que a combinação entre esses dois elementos potencializa a crítica do filme em denunciar a desigualdade social na Coreia do Sul.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; análise fílmica; *mise-en-scène*; montagem; “Parasita”.

### **1. INTRODUÇÃO**

“Parasita” (2019) é um longa-metragem de suspense, drama e comédia sul coreano dirigido e roteirizado por Bong Joon-Ho. Ambientado em Seul, capital da Coreia do Sul, a história gira em torno da família Kim, composta por quatro membros desempregados que vivem em um porão sujo, aos poucos se filtrando na casa de uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, email: [allcosta.rti@uesc.br](mailto:allcosta.rti@uesc.br)

<sup>3</sup> Bacharel do curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, email: [djbela.rti@uesc.br](mailto:djbela.rti@uesc.br)

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, e-mail: [efsilva.rti@uesc.br](mailto:efsilva.rti@uesc.br)

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, e-mail: [emsantos.rti@uesc.br](mailto:emsantos.rti@uesc.br)

<sup>6</sup> Graduando do curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, e-mail: [hmsantana.rti@uesc.br](mailto:hmsantana.rti@uesc.br)

<sup>7</sup> Orientado por Betânia Maria Vilas Boas Barreto, Dra. Em Educação e Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus – Ba. e-mail: [bmvbbarreto@uesc.br](mailto:bmvbbarreto@uesc.br)

família rica, Park, sob falsas pretensões. Com humor ácido e uma crítica social afiada, são tratadas questões como desigualdade social, desemprego e a luta de classes na sociedade sul-coreana. No entanto, a trama toma um rumo surpreendente à medida que os segredos e as manipulações dos Kim e dos Park se desenrolam, levando a um final chocante e perturbador.

O cinema é uma arte construída por camadas e é possível dividi-la em vários segmentos, dentre eles: a *mise-en-scène* e a montagem. Bordwell (2013) afirma que a *mise-en-scène* se refere a escolha consciente e cuidadosa de elementos visuais como cenários, figurinos, iluminação, atuação e posicionamento da câmera, que contribuem para a apresentação e organização visual do filme e devem ser considerados de forma integrada com a narrativa e com os outros elementos visuais. O mesmo também define a montagem como a coordenação de um plano com o seguinte.

Para melhor compreensão do filme e da análise, é importante saber que uma forte característica do diretor de “Parasita” é trazer questões sociais delicadas da Coreia do Sul como: pobreza, subempregos, falta de garantias, manipulações, trapaças e incertezas econômicas. Joon-hoo cria personagens que conseguem ser dignos de pena e ao mesmo tempo odiáveis. Essa relação entre os personagens se faz por meio de uma crítica que o diretor tenta estabelecer sobre a competitividade que há nas camadas mais baixas para ir em busca de uma vida melhor.

Tendo esses conceitos como base, o presente artigo busca realizar uma análise da montagem e *mise-en-scène* do filme “Parasita”, tendo em vista que esta é uma produção cinematográfica que usa de maneira absoluta esses artefatos para construir sua história e atmosfera.

## 2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foi utilizado uma análise de conteúdo, técnica bastante utilizada para pesquisas qualitativas. Segundo Moraes (1999, p. 2), a Análise de Conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda sorte de comunicações. Essa análise permite compreender a mensagem e seus significados para além de uma leitura comum. Dessa forma, a análise de conteúdo pode ser dividida em três partes: pré-análise, exploração do material e tratamento dos casos. Na primeira etapa, foi selecionada a sequência de “Parasita”

composta por três cenas no final do filme, o artigo foi organizado em duas etapas de análise, a *mise-en-scene* e a montagem. Baseando-se em autores como Bordwell (2013), Murch (2004), Nogueira (2010), Zettl (2011) e Eisenstein (1949), a exploração do material se divide em categorias como: figurino, paleta de cores, cenografia, iluminação e ação dos personagens. Na montagem foram analisadas questões técnicas e tipos de montagem. Após a análise do conteúdo, foram sugeridas inferências sobre a percepção do espectador e a intenção do diretor Bong Joon-Ho em cada detalhe construído na sequência para atingir seu objetivo crítico enquanto cineasta.

### **3. A CONSTRUÇÃO DA SEQUÊNCIA A PARTIR DA MISE-EN-SCENE**

Todos os aspectos foram analisados de acordo com a atmosfera criada na narrativa. A sequência selecionada tem 5 minutos e 58 segundos, e se refere ao clímax do filme, na qual a família Park organiza uma festa para o filho mais novo, paralelamente, Ki-woo, filho da família Kim desce até o bunker da casa e encontra um homem que vive a anos no subsolo. A sequência acontece em um único local: a casa dos Park, dividida em três ambientes: o subsolo da residência, a casa interna e o jardim da casa onde acontece a festa.

Das cenas que a compõem, analisamos três que ressaltam marcas características que constituem a identidade do filme: a briga no bunker, a composição interna da casa e a festa de aniversário. No primeiro take somos apresentados ao local em que o personagem Ki-woo está adentrando. A câmera revela um local escuro e extenso, é um corredor que não vemos o final e termina em plano médio, onde observamos o personagem chegando ao bunker com expressão que transmite receio e curiosidade.

Percebe-se como a composição do cenário, marcada pela iluminação fraca e ausência de luz natural, reforça o realismo e a condição de pobreza dos personagens. A cor do ambiente, o verde, que conforme Heller (2000) pode ser considerada uma cor intermediária, dá uma sensação que o espaço é mais úmido. Ao fundo, é possível ver uma lâmpada da cor amarela, para contrapor a entrada, ela passa uma sensação de que é um ambiente mais aconchegante. A impossibilidade de ver o fundo amplia a percepção do espaço e provoca angústia, evidenciando simbolicamente a opressão social exercida sobre os demais.

A coloração esverdeada, a luz amarela ao fundo, as sombras e o movimento em

*travelling*<sup>8</sup> evidenciam a perspectiva dramática do momento, além do uso de takes longos para delongar os movimentos, intensificando o conjunto de sentimentos envolvidos e atraindo cada vez mais o espectador. À medida que o personagem se move para o piso superior e dentro da casa, em direção a festa de aniversário, o ambiente se torna mais iluminado evidenciando reviravoltas. Conforme Bordwell (2013) quando os valores da claridade são iguais, cores quentes, como o amarelo, atrai a atenção. Essa iluminação diferente, em conjunto com os planos mais abertos, evidenciam todo o protagonismo de visibilidade que os mais ricos vivem em comparação aos mais pobres.

Ao sair do subterrâneo da mansão, as cores presentes são fundamentais para a construção da interpretação do local e sequência cinematográfica. De acordo com Bessa (2020, p. 3) “Existem múltiplas maneiras de pensar a casa e elas podem ser discutidas de inúmeras perspectivas. Acima de tudo, a casa é o local das vivências concretas e é assim que o filme se desenvolve narrando as casas dessas famílias.” A casa da família Park, é uma mansão projetada por arquitetos, com espaçosas janelas amplas, poucos móveis, utilizando uma paleta de cores neutras, cores essas que são consideradas versáteis e atemporais, com combinações de texturas, linhas estruturais bastantes demarcadas em sua arquitetura e uma iluminação amarela que proporciona conforto e relaxamento.

A residência da família Park é projetada para simbolizar prosperidade por meio da abundância de luz natural, refletindo a ideia do diretor Bong Joon-ho na qual a posição social de uma pessoa influencia diretamente a quantidade de luz natural que ela tem acesso ao longo do dia. Indivíduos pertencentes às classes mais baixas costumam viver em moradias com menos janelas, enquanto aqueles de classes mais altas geralmente habitam espaços com mais aberturas e, conseqüentemente, maior iluminação natural. Cada detalhe, desde a decoração até os figurinos, é cuidadosamente pensado para fornecer uma crítica à desigualdade social.

#### **4. A CONSTRUÇÃO DA SEQUÊNCIA A PARTIR DA MONTAGEM**

A obra de Bong Joon-ho é cheia de detalhes em sua construção narrativa, dois elementos que se destacam são o uso da simetria e os diferentes tipos de montagem utilizados na sequência escolhida. A montagem, segundo Eisenstein (1949) é uma união

---

<sup>8</sup> Movimento de câmera em que se aproxima ou se distancia do objeto/personagem e a mesma se desloca no espaço.

de dois planos independentes que, juntos, produzem uma ideia que não está contida em nenhum deles individualmente.

No take 23, ao personagem acertar a pedra no garoto e subir as escadas, há o desfecho do primeiro bloco. Conforme Zettl (2011) *blocagem* é o planejamento e a marcação prévia dos movimentos dos atores e da câmera no espaço cênico. Logo em seguida, em uma montagem paralela, que Eisenstein (1949) define como uma técnica que consiste em juntar imagens ou sequências de cenas aparentemente não relacionadas para criar uma nova mensagem ou ideia, observa-se a família em outro clima na festa, que é quando se inicia o segundo bloco e ocorre o clímax da sequência.

Na sequência analisada a trilha sonora ganha força e complementa a emoção da cena. Nogueira (2010, p. 164) comenta que: “o ritmo pode manifestar um valor específico em termos de montagem, sobretudo quando é aliado à música”. Da mesma forma, a narrativa contrapõe dois momentos de tonalidades distintas, a celebração na festa e a fúria de Geun Se, homem presente no bunker, conectados também pelo uso do *Matchcut* sonoro, que, segundo Murch (2004), é um elemento fundamental para manter a continuidade emocional entre as cenas e ajudar o espectador a se conectar com a história.

No take 90, quando o Sr. Park põe a mão sobre o nariz ao sentir o cheiro do motorista na festa, há uma representação simbólica de significação social e uma virada de bloco que conduz a reação do personagem. Nesse momento, identifica-se uma montagem intelectual. Para Eisenstein (1949), a montagem intelectual é uma forma de potencializar a expressão artística do cinema, tornando-o uma ferramenta capaz de transmitir não apenas histórias, mas também ideias e emoções de maneira mais profunda e efetiva.

Embora seu chefe não seja o responsável pelas desigualdades sociais e pelas diferenças de classe, ele representa tudo isso para Kim naquele momento. Nesse mesmo take se encontra a resolução e gancho para a cena seguinte. Por fim, a sequência finaliza em um plano sequência em ângulo zenital, acompanhando o personagem em efeito *slow motion*.<sup>9</sup> Nesse caso, a técnica foi utilizada para ampliar o cenário em que ocorreu a cena e causar um efeito dramático no público junto com um *fade out*<sup>10</sup> que conclui a sequência analisada.

---

<sup>9</sup> Técnica de edição que deixa o vídeo em uma velocidade menor que a normal.

<sup>10</sup> Desaparecimento gradativo da visibilidade de uma imagem final de uma sequência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que um dos elementos mais utilizados na montagem em "Parasita" é o uso da simetria. Ao construir a narrativa em torno de um conjunto de cenas que espelham umas às outras, o diretor cria uma sensação de harmonia e equilíbrio, mas também de tensão e instabilidade, isso porque à medida que a história se desenrola, os personagens vão sendo revelados de forma cada vez mais complexa e ambígua, o que gera um conflito crescente entre as diferentes camadas da narrativa.

Por fim, Bong Joon-ho se mostra um cineasta talentoso e consciente de sua arte. Sua habilidade em combinar elementos narrativos, visuais e sonoros faz de "Parasita" uma obra-prima do cinema contemporâneo capaz de transmitir sua mensagem crítica à desigualdade social e à luta de classes na Coreia do Sul a partir da forma como se constrói sua técnica de montagem.

## REFERÊNCIAS

BESSA, Ana Cláudia. **Uma análise sociológica do filme "Parasita"**. Revista Café com Sociologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-8, fev. 2021. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/download/1267/537/4505>. Acesso em: 17 dez. 2025.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. São Paulo: Bookman, 2013.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949.

HELLER, Eva. **Psicologia das cores**: como as cores afetam a razão e a emoção. Lisboa: Editora Olhares, 2000.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos**: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema III**: planificação e montagem. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2010.

PARASITA. Direção: Bong Joon Ho. Elenco: Kang-ho Song, Hyae Jin Chang, Woo sik-Choi, Jung Ziso, So-dam Park, Jung Hyeon-jun. Coreia do Sul, CJ Entertainment, 2019. 1 DVD (132 min).

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2011.